
O lado escuro da rede, eclipsado pelo espelho de afinidades

El lado oscuro de la red, eclipsado por el espejo de afinidades

The dark side of the net, eclipsed by the mirror of affinities

Resenha de:

PARISER, Eli. **O filtro invisível – o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 252 p. ISBN 8537808032.

Recebido em: 24 set. 2012

Aceito em: 20 abr. 2013

Ivan PAGANOTTI

Universidade de São Paulo (São Paulo-SP, Brasil)

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) com bolsa Capes. Membro do NPCC-USP e do Midiato/ECA-USP. Contato: ivanpaganotti@gmail.com

Em tempos de transparência, acessibilidade e compartilhamento, possibilitados (e propagandeados) por novos meios de comunicação online, é crucial permanecermos atentos aos alertas sobre estratégias de controle que tentem cercear as potencialidades comunicativas nas redes. Mais eficiente do que o silêncio de dissidentes, o eco de vozes alinhadas pode construir uma muralha de confirmação de pontos de vista que oculte, por trás do múltiplo consenso cimentado, a divergência com poucas frestas para chegar à luz. Em seu livro *“O filtro invisível – o que a internet está escondendo de você”*, o ativista norte-americano Eli Pariser aponta os limites indesejados de uma ferramenta aparentemente inofensiva e benéfica: a identificação de perfis de usuários a partir de seus hábitos, personalizando filtros de conteúdo direcionado a partir de seus interesses.

O código básico no seio da nova internet é bastante simples. A nova geração de filtros online examina aquilo de que aparentemente gostamos – as coisas que fazemos, ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam – e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informação exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISER, 2012: 14)

Assim, plataformas online como redes sociais, nossos serviços de e-mail, propagandas em banners e diversos sites oferecem para nós conteúdos que esperam que nos interessem, de acordo com os rastros que indicam nossos hábitos e preferências, ou nossas conexões e seus gostos. Com a identificação de perfis de preferências a partir das trilhas deixadas na rede, os filtros são uma ferramenta para afunilar nossa atenção aos temas que teríamos maior propensão para considerar interessantes. Nesse gargalo, encontramos conteúdo semelhante ao procurado anteriormente por nós mesmos, por indivíduos com quem nos relacionamos em outras plataformas online ou com perfis semelhantes aos nossos. Assim, a tela nos oferece um espelho, um reflexo de afinidades a partir do que já fomos e do poderemos querer no futuro. Além da economia de tempo na busca pelo que nos interessa, ofertado em uma bandeja a partir dos algoritmos de pesquisa, Pariser alerta que os filtros acabam por reduzir o contato com visões divergentes (p.78) e temas inesperados (p.88) – ingredientes cruciais para fortalecer o debate democrático e atizar a curiosidade por conhecimento novo – restringindo caminhos de usuários presos na repetição de temas e no viés da confirmação (p.79).

A impressão de conectividade e pluralidade mascaram múltiplas fontes similares, retroalimentando-se e deixando de lado o diferente, sacrificado em nome da agilidade e comodidade em localizar e aproximar semelhantes. Assim, a rede deixaria de incentivar conexões, aproximando os distantes, e acabaria por reforçar guetos que “fomentam estagnação e intolerância” (p.195).

Por ser personalizada, a bolha reflete uma esfera de preferências individuais diferente para cada usuário. O espaço público, antes definido por meios de comunicação na construção de laços sociais coletivos entre grupos conectados por espaços e interesses comuns, agora se multiplicou em uma miríade de pequenas esferas – como bolhas que refletem nossos gostos, hábitos e preferências, mas que dificultam o contato com temas de interesse comum. Pariser alerta que *feeds* de notícias em redes sociais como Twitter e Facebook já são fonte de informação de mais de um terço dos norte-americanos com menos de trinta anos de idade (p.13). Ao contrário das linhas editoriais de grandes veículos, esses *feeds* não são definidos por um editor com perspectiva dos eventos e seus contextos, que tenta mesclar e equilibrar temáticas e pontos de vista; são definidos casualmente por pessoas que consideramos interessantes, mas que podem nos alimentar com uma dieta informativa pobre em nutrientes (p.19). Assim, o laço social, que antes unia muitos ao redor de alguns veículos que tratavam de temas coletivos, agora se reorganiza: cada um de nós acaba estrangulado em nossa força personalizada, com a errônea impressão de recebermos fontes “múltiplas”, mas repetitivas. Da mesma forma, criamos cordões de isolamento que nos separam do que não nos interessa e nos acorrentam sem nosso conhecimento ou consentimento no rebanho de nossos hábitos.

Isso ocorre porque a entrada nesse labirinto não é percebida, compreendida e tampouco facultativa. Como Pariser coloca, a bolha dos filtros é invisível, não é transparente e tampouco “optamos por entrar na bolha” (p.15). Poucos compreendem seus mecanismos, que não são abertos para consulta pública e apresentam difícil desativação. Assim, tomar consciência sobre os efeitos do filtro invisível deve ser justamente o primeiro passo para evitar seus resultados negativos.

A saída do espelhado labirinto centrípeto

A armadilha dos filtros não é incontornável, pois é possível reverter a arquitetura desse labirinto para nos levar para além dos muros espelhados que nos mantém presos e

retroalimentados em nossas confortáveis bolhas personalizadas. Pariser recomenda “variar nossos percursos online” para aumentar “a chance de encontrar novas ideias e pessoas” (p.197). Também é possível apagar *cookies* (p.198), pistas codificadas que os sites que visitamos deixam nos nossos computadores, como migalhas que sinalizam o que andamos fazendo e que podem ser usadas para identificar hábitos e preferências.

Mas mudanças de comportamentos individuais obviamente enfrentam a limitação de seu escopo: para reverter os efeitos negativos da bolha de filtro, a responsabilidade precisa ser assumida e compartilhada pelas empresas que oferecem os serviços, que devem oferecer regras claras sobre o uso de informações dos usuários (p.201). A mesma evolução técnica que nos trouxe os mecanismos de seleção do que parece ser do nosso interesse também pode jogar ao lado da promoção da diversidade, recusando retroalimentar preferências prévias. Isso mostra que a tecnologia está longe de ser uma prisão inevitável, pois suas mudanças passam por escolhas que podem ser contornáveis e influenciáveis. Para isso, Pariser defende o desenvolvimento de algoritmos de “falseabilidade” (p.205), que tentem testar e refutar os perfis criados a partir de nossas preferências, abrindo nosso leque de escolha com o oferecimento de links para serviços, sites e informações que não estavam antes em nossos radares – mas que ainda assim podem ser atraentes, justamente pela curiosidade pelo desconhecido.

Finalmente, governos e cidadãos não podem permitir que o controle de temas de interesse público, como o compartilhamento de dados pessoais e a troca comunicativa, sejam relegados aos interesses privados de corporações que, por definição, lidam com o comércio de informações que transitam na fina membrana que separa o espaço privado do público. A supervisão governamental pode garantir a proteção de informações pessoais dos usuários, e inclusive permitir que indivíduos escolham não ser rastreados – uma proposta similar às listas de nomes que não desejam receber chamadas telefônicas indesejadas com ofertas promocionais (p.208). Pariser sublinha quatro eixos para essa regulamentação: transparência ao “saber quem possui nossos dados, que dados são esses e como são usados”; controle para “impedir que dados coletados para um determinado propósito sejam usados para outro”; retificação de “informações incorretas sobre nós mesmos”; e segurança para evitar vazamentos (p.210).

Como sugerido inicialmente, o futuro do controle da informação não envolve só a *censura* do considerado como desviante a ser silenciado, mas também o *filtro invisível* que atrai o foco dos diferentes indivíduos e oculta o considerado como “irrelevante” de

forma imperceptível. Em outras palavras, procura-se “criar fricção para as informações problemáticas e desviar a atenção pública” (p.125). Para Pariser, “a China não está tão interessada em eliminar completamente as informações problemáticas e sim em alterar o fluxo” no debate público (p.125): um mecanismo tão pernicioso quanto nossa miopia incapaz de ver além das escolhas apontadas *para* – em vez de *por* – nós.